

Capítulo publicado em Araújo, Maria Marta Lobo de *et al.* (coord.), *Sociabilidades na vida e na morte (séculos XVI-XX)*, Braga, CITCEM, 2014, pp. 259-280.

**Sociabilidades dinásticas oitocentistas:
o rei D. Fernando II (1816-1885) e a sua rede familiar europeia**

Maria Antónia Lopes
(mafilopes@netvisao.pt)
Faculdade de Letras e
Centro de História da Sociedade e da Cultura
da Universidade de Coimbra

Introdução

O rei D. Fernando II, marido da rainha reinante D. Maria II e segundo e último rei consorte de Portugal, nasceu em Viena, em 1816, filho do duque Fernando Jorge de Saxe-Coburgo Saalfeld¹ e da princesa húngara Maria Antónia Gabriela Koháry (Toni). Foi nessa cidade, residência dos pais, que o príncipe cresceu. Pelo lado paterno, era sobrinho do duque soberano de Saxe-Coburgo e, pelo materno, neto do príncipe Francisco Koháry, detentor de funções políticas hereditárias na monarquia magiar, além de proprietário de uma fortuna fabulosa.

Ainda antes do nascimento de Fernando, a família Coburgo criara laços de parentesco com os czares da Rússia e com a família real inglesa. Quando criança, Fernando Coburgo-Koháry, sabia bem que os seus primos diretos Vitória de Hanôver e Ernesto Coburgo eram os herdeiros Coroa inglesa e do trono ducal de Saxe-Coburgo. Durante a sua adolescência, o tio mais novo, Leopoldo Coburgo, foi eleito o 1º rei dos Belgas e quando este contraiu casamento com a filha mais velha de Luís Filipe de Orleães, rei dos Franceses, os Coburgos criaram laços com a família reinante em França. Em janeiro de 1836 Fernando de Saxe-Coburgo-Koháry casou com a rainha de Portugal, Maria da Glória de Bragança, entrando na família

¹ Só em 1826 a família mudou o nome para Saxe-Coburgo-Gotha, ao integrar no seu território o ducado de Gotha, cedendo o de Saalfeld. O anexo genealógico permitirá perceber clareza quem são os muitos protagonistas deste texto.

real portuguesa e ligando-se à família imperial do Brasil. Os seus irmãos Augusto e Vitória e a cunhada brasileira Francisca de Bragança iriam reforçar os laços familiares com os Orleães, ao casarem todos com príncipes dessa linhagem. Na geração seguinte, os seus filhos D. Pedro e D. Antónia contraíram matrimónio na Casa de Hohenzollern-Sigmaringen (da família real da Prússia) e D. Luís e D. Maria Ana nas Casas reinantes de Itália (Saboia) e Saxónia real (linha albertina de Saxe). D. Fernando integrava-se, pois, numa poderosa rede dinástica que se espalhava pela Europa e Brasil. E com ela desenvolveu uma intensa sociabilidade epistolar, separados que estavam por lonjuras imensas no espaço, mas não em cumplicidades e afetos. Ou, por vezes, em melindres e despeitos.

Há que ter presente o peculiar ambiente que se vivia entre as famílias reinantes e na alta aristocracia do século XIX. Os seus membros correspondiam-se continuamente, sempre amáveis, abusando das declarações de profunda estima, que era uma mera convenção que não pode ser entendida à letra. Os reinantes (fossem imperadores, reis, príncipes ou duques) e os seus cônjuges tratavam-se protocolarmente por irmãos. Os filhos dirigiam-se aos outros soberanos e filhos chamando-lhes primos. Simulavam assim, a pertença a uma única família. Por isso faziam luto sempre que um deles morria e que na maioria dos casos nunca tinham visto ou por ele sentiam algum afeto. Pelas mesmas razões festejavam os aniversários, enviavam parabéns pelos nascimentos e casamentos, celebravam ações de graças pelo restabelecimento de uma doença grave ou sobrevivência a um acidente ou atentado. Na correspondência de familiares próximos, entre filhos e pais, netos e avós, sobrinhos e tios, irmãos, cunhados e primos, também as expressões de amor e de respeito são hiperbólicas, infalivelmente a abrir e a fechar cada missiva, enquanto as cartas trocadas entre marido e mulher se revelam menos codificadas.

Contudo, no caso dos Coburgos – linhagem com uma ascensão fulgurante no século XIX – os parentescos eram autênticos, consanguíneos, e alicerçados no culto da família, no respeito pelos mais velhos, no conhecimento pormenorizado de todas as vicissitudes das vidas de cada um dos membros desta vasta parentela. A correspondência contínua e as deslocações em visitas privadas ou oficiais, sempre que tal era possível, com trajetos que cruzavam quase toda a Europa, permitiram que se mantivesse esse sentimento de pertença a uma família supranacional que, na geração de D. Fernando, englobava a rainha Vitória do Reino Unido e seu marido, os

reis de Portugal, os reis dos Belgas, os soberanos de Saxe-Coburgo-Gotha, príncipes franceses e húngaros, aristocratas austríacos... O conhecimento íntimo de todos reforçava-se pela prática de enviarem uns aos outros as cartas recebidas por cada um (com pedido ou não de devolução), o que de forma alguma se considerava violação de confiança.

“Casa” designava uma família que se percecionava como tal, não se importando com nacionalidades, dinastias ou religiões², reconhecendo nela um chefe que podia ser dinasticamente inferior a alguns dos seus membros, se estes tivessem atravessado fronteiras. Assim sucedia com a família supranacional dos Coburgos, cujo chefe por todos reconhecido era o duque de Coburgo, embora pertencessem à família reis e rainhas, como eram o rei dos Belgas, a rainha de Inglaterra ou o rei-consorte de Portugal.

Quando ocorria um assunto grave de ordem familiar (nascimento, casamento, doença perigosa, morte), todos se apressavam a anunciá-lo ao duque, afirmando expressamente que assim o comunicavam ao chefe da família. Contudo, no que respeitava aos membros que pertenciam a famílias reais, a chefia do duque de Coburgo era-o apenas num sentido privado e de protocolo familiar. No caso de D. Fernando, ao casar com uma rainha de direito próprio, a autoridade familiar pertencia à esposa e depois da sua morte ao rei reinante, os seus filhos D. Pedro e D. Luís. Todavia, e até à sua morte, nunca D. Fernando deixou de tratar os duques de Coburgo como chefes de família, a quem comunicava, nessa qualidade, todos os eventos da sua vida e da mulher e filhos.

Sendo uma linhagem de origem saxónica, mas que atravessara fronteiras, a língua nativa dos seus membros já não era só o alemão, caso de Vitória de Inglaterra na geração de D. Fernando e de muitos outros na geração seguinte. Mas o alemão era aprendido por todos, tal como o francês, obviamente, a língua internacional da época. Assim, a correspondência e as conversas de D. Fernando com a sua família tanto podiam ser em alemão, como francês, português ou ainda húngaro, idioma que a sua parentela materna usava a par do alemão. D. Fernando era fluente em todas e entendia e falava razoavelmente inglês, castelhano e italiano.

² Os Coburgos eram luteranos desde a 1ª geração, as filhas que casaram na Rússia passaram à religião ortodoxa, os ramos austríaco e belga eram católicos e o inglês anglicano.

A sociabilidade mantida pelos muitos membros desta linhagem e ainda pelas pessoas das famílias a que eles se ligaram foi intensa, tanto epistolar, como em convívios presenciais. Claro que os reinantes tinham sempre mais dificuldade em se deslocar, mas recebiam os parentes com frequência. Só depois de viúvo, e de assegurada a regência na menoridade de D. Pedro V, D. Fernando viajou pelo estrangeiro.

Dadas as restrições de páginas impostas, tive de circunscrever o tema. Abordarei, portanto, apenas o período que vai até à morte da rainha D. Maria II, em 1853, e as sociabilidades presenciais com membros de outras dinastias; na correspondência, cingir-me-ei aos planos matrimoniais para os irmãos de D. Fernando e aos maiores dramas familiares³. Não serão referidos, portanto, os outros temas epistolares tratados por D. Fernando (artes, política, botânica, zoologia, quotidianos familiares, atividades lúdicas...) nem a convivialidade da família real portuguesa com a aristocracia nacional, que incluía passeios, caçadas, saraus musicais, bailes, idas ao teatro e à ópera, etc.⁴. Embora assim circunscrito, creio que este texto delineará uma imagem adequada à compreensão da atmosfera e das práticas das sociabilidades dinásticas europeias de meados de Oitocentos.

Viagens e visitas

A família Coburgo-Koháry vivia em Viena, como se disse, mas deslocava-se várias vezes por ano, comportamento típico desta alta sociedade muito abastada. Assim, ao longo da sua infância e adolescência, o príncipe Fernando passou temporadas nas terras que tanto a família nuclear como a alargada possuíam nas atuais Áustria, Eslováquia e Alemanha.

Nos finais da primavera, o duque Fernando Jorge, esposa, filhos e sogra (que nunca se separava da filha) instalavam-se em Ebenthal ou em Walterskirchen. É o próprio D. Fernando que o afirma, muito mais tarde, ao enviar os parabéns ao irmão Augusto, que nascera a 13 de junho: “Para que vejas que nunca me esqueço, apresso-me a dar-te os meus parabéns pelo teu aniversário e a mandar-te as minhas calorosas felicitações, pois a maior parte das vezes o passávamos juntos em Ebenthal

³ Faço aqui uma sùmula de aspetos tratados em Lopes, Maria Ant3nia, *D. Fernando II. Um rei avesso à política*, Lisboa, C3rculo de Leitores, 2013.

⁴ Todos estes temas aqui omissos podem ser lidos em Lopes, Maria Ant3nia, *D. Fernando II*, cit.

ou em Walterskirchen”⁵. As propriedades e palácios de Ebenthal e de Walterskirchen provinham da família Koháry, que os possuía desde 1732 e 1779, respetivamente⁶. A primeira situa-se no atual estado austríaco da Caríntia, a sul do país, vizinho da Itália e da Eslovénia, e a segunda, também no atual território da Áustria, mas a nordeste, próximo das fronteiras da República Checa e da Eslováquia.

Depois da temporada em Ebenthal ou em Walterskirchen, a família de Fernando instalava-se nos domínios da linhagem paterna, em Coburgo, podendo regressar em meados do outono a um dos palácios da mãe para depois, finalmente, passarem a Viena, onde permaneciam no inverno e primavera. Quando estavam no ducado da família paterna podiam instalar-se em Coburgo, no palácio ancestral de Ehrenburg ou, de preferência, veraneavam no de campo, em Rosenau, que ficava próximo.

Fugindo à cólera de 1831, os Coburgos de Viena, incluindo a princesa viúva Koháry, residiram largos meses em Rosenau. Foi daí que o jovem Fernando, então com perto de 15 anos, escreveu ao pai que se deslocara a Bruxelas, onde Leopoldo era agora rei. Fernando refere-se ao tio Ernesto que fora a Gotha, aos primos, ao mercado das cebolas onde tinham ido, ao concerto a que assistira e aos desenhos que fizera, revelando já conhecimentos artísticos e paixão pela música e pintura. Dá-lhe notícias da mãe, da avó materna, da irmã e dos irmãos, que estavam bem e enviavam saudações⁷. Aí conviveu, e muito de perto, com os primos Ernesto e Alberto e com Alexandre e Artur Mensdorff, os dois filhos mais novos da tia Sofia Coburgo que vivia também em Viena. Desses tempos ficaram belas recordações. Quando a irmã de D. Fernando faleceu, em 1857, o príncipe Alberto de Inglaterra, comovido, refere-se-lhe como “a companheira da minha infância”⁸. Na década de 1870, altura em que D. Fernando e Ernesto II trocavam assídua correspondência, lembravam esses tempos com saudades. Em 1874, por exemplo, Ernesto envia ao primo um desenho de uma cena em Rosenau, sabendo como ele iria gostar de ter essa

⁵ Landesbibliothek Coburg, (doravante LC), ms. 477, carta de D. Fernando ao irmão Augusto, Lisboa, 28.5.1850.

⁶ Kurdiovsky, Richard, “The building of the Palace as a reflection of the family-history” in Högel, Klaus-Peter; Kurdiovsky, Richard (dir.), *The Coburg Palace*, Viena, Verlag Christian Brandstätter, 2005, p. 55.

⁷ Staatsarchiv Coburg, Koháry Archiv (doravante StACO, KA), 275, carta do príncipe Fernando ao duque Fernando Jorge, Rosenau, 21.9.1831.

⁸ Carta do príncipe Alberto a Stockmar, de 13.11.1857, in Martin, Théodore; Craven, Augustus, *Le prince Albert de Saxe-Cobourg époux de la reine Victoria d’après leurs lettres, journaux, mémoires, etc.*, II, Paris, E. Plon, 1883, p. 223.

recordação de uma infância feliz e comum⁹. Já em 1863, Artur Mensdorff, ao evocar a meninice de Alberto, recordara com nitidez um belo dia em Rosenau com os primos Ernesto, Alberto, Fernando e Augusto e com o irmão Alexandre¹⁰. Tinham todos idades muito próximas. Se essa recordação de Artur se reporta ao verão de 1831, o grupinho de rapazes ia dos 17 anos de Alexandre aos 12 de Alberto. Com os primos Mensdorff, vienenses como ele, o príncipe Fernando Augusto terá convivido mais, até porque os cunhados Fernando Jorge Coburgo e Manuel Mensdorff-Pouilly eram amigos de longa data.

Na sua viagem para Portugal, em 1836, já casado com D. Maria II por procuração, D. Fernando, o pai e o irmão Augusto passaram um mês em Bruxelas com o tio e irmão Leopoldo, visitaram a corte de Paris, onde conviveram com os Orleães, e seguiram depois para Londres. Foi então que os jovens conheceram a prima Vitória, herdeira do trono inglês. A princesa, que vivia muito isolada e sem companheiros da sua idade, descobriu com os primos austro-húngaros que o convívio podia ser descontração e alegria. Neste ambiente de requinte e diversão, D. Fernando, com 19 anos, expandiu a sua faceta jovial, que comunicava a todos, e preencheu os dias e o pensamento da prima – o que transborda no seu diário, onde Fernando é alvo de apreciações constantes e entusiastas, bem reveladoras da personalidade inteligente, culta, desenvolta e folgazã do novo príncipe de Portugal¹¹.

Em 1839, o pai, os dois irmãos e a irmã de D. Fernando estiveram em Portugal. A mãe não os acompanhou, mas vieram também dois primos, Alexandre Mensdorff e Carlos Leiningen, meio-irmão da princesa Vitória de Inglaterra, filho do primeiro casamento da duquesa de Kent. D. Maria e D. Fernando, que tinham já os filhos Pedro e Luís, alojaram a família no palácio de Belém. Depois seguiram todos para Sintra. A madrasta e a meia-irmã de D. Maria não estavam. Haviam partido para Munique no ano anterior, mas regressaram quando os austríacos se encontravam ainda no nosso país. Durante esta temporada em Portugal, o duque de Nemours, 2º filho do rei dos Franceses, veio a Lisboa para ver se Vitória Coburgo-Koháry lhe

⁹ Staatsarchiv Coburg, Landesarchiv (doravante StACO, LA), 6980, rascunho de carta do duque Ernesto II a D. Fernando, de 6.9.1874.

¹⁰ Carta de Artur Mensdorff à rainha Vitória, Castle Einöd, 16.3.1863, in Grey, Charles, *Early Years of His Royal Highness the Prince Consort compiled under the direction of Her Majesty the Queen*, Londres, Smith, Elder and Cº, 1867, pp. 57-58.

¹¹ The Royal Archives of Windsor (doravante RAW), *Queen Victoria's Journals*, 23.3.1836; 24.3.1836; 28.3.1836; 30.3.1836; 6.4.1836.

agradava, já que as famílias planeavam esse casamento sem que a jovem o suspeitasse.

Casamentos dos irmãos

As uniões matrimoniais eram empreendimentos decisivos, levados a cabo com grande prudência, pesando todas as suas implicações, pois deles dependia a grandeza das famílias destes estratos superiores. O assunto respeitava à Casa, isto é, à família alargada, e todos se envolviam. Logo em 1836, o rei Leopoldo pensou casar a sobrinha Vitória Coburgo-Koháry com Fernando de Orleães, duque com o mesmo título, herdeiro do rei dos Franceses. Repare-se como agora os Coburgos só já perspetivavam ligações com casas reais. E não era qualquer uma. Vitória Coburgo-Koháry seria rainha dos Franceses. A jovem tinha apenas 15 anos, não era filha de reis e nem sequer de duques soberanos, mas era parente íntima das famílias reais portuguesa, belga e inglesa e seria herdeira de parte da imensa fortuna da mãe. O projeto era facilitado pelo facto de Leopoldo ser genro do rei francês, Luís Filipe. A amizade existente entre a rainha de Portugal e Clementina de Orleães, irmã do noivo em causa, também poderia ajudar¹². Na realidade, Luís Filipe não tinha muito por onde escolher. As famílias reais católicas ou não tinham filhas em idade de casar ou desprezavam-no como arrivista, o que era o caso dos Habsburgos. Encetaram-se negociações sigilosas, pois todos receavam a reação da Casa de Áustria. Já neste ano os Orleães pensaram numa dupla união: Vitória Coburgo com Fernando de Orleães e Augusto Coburgo com Clementina de Orleães, cujos projetos matrimoniais até então existentes tinham falhado, mas não se avançou, por então, com a proposta de Clementina. Todavia, o pai de D. Fernando tergiversou, impossibilitando a concretização. O duque considerava, e os acontecimentos deram-lhe razão, que o futuro da Casa de Orleães era pouco seguro. Quando finalmente se decidiu, ultrapassando os seus receios, já os Orleães tinham encontrado outra noiva que também não era de família real. Ainda no mesmo ano, tentou-se o casamento de Clementina com Ernesto Coburgo, filho mais velho do duque homónimo. Sem consequências, mas as negociações prolongaram-se até finais de 1839. Os casamentos da princesa Vitória Coburgo-Koháry na Casa de Orleães e de

¹² As jovens Maria de Bragança e Clementina de Orleães haviam-se conhecido em Paris quando D. Maria aí se encontrava refugiada durante o reinado do tio D. Miguel.

Clementina de Orleães na de Coburgo-Koháry viriam de facto a realizar-se. Os maridos é que foram outros. Um pormenor, afinal.

Luís Filipe, reis dos Franceses, continuava com dificuldades em estabelecer as filhas. Teve de recorrer ao genro Leopoldo Coburgo para casar a princesa Maria, que em outubro de 1837 se uniu a Alexandre de Wurtemberg, outro membro do clã Coburgo. Nesse mesmo mês, o duque Ernesto I diz a D. Fernando que ainda espera que o pai deste vá passar com ele uma temporada porque terão lá o duque de Nemours e seria muito bom que Vitória também fosse, “podes adivinhar porquê”¹³. O duque Fernando não lhe fez a vontade, pois Luís de Orleães, 2º filhos dos reis dos Franceses e duque de Nemours, só em 1839 conheceu Vitória, em Portugal, como foi dito. Não parece ter sentido grande entusiasmo, mas as conversações prosseguiram por insistência dos pais.

Finalmente, o pedido oficial foi feito e em fevereiro de 1840 o duque Ernesto I, como chefe dos Coburgos, deu o seu consentimento¹⁴ – dias antes de outro casamento orquestrado por Leopoldo e por si próprio, o do seu filho Alberto com a sobrinha Vitória de Inglaterra. Esta gostou do enlace da prima vienense¹⁵ e D. Fernando também¹⁶. O casamento de Vitória Coburgo-Koháry com Luís de Orleães, duque de Nemours, realizou-se a 27 de abril desse ano de 1840. Tornara-se nora dos reis dos Franceses e cunhada do seu tio Leopoldo.

O 1º casamento que se projetou para Augusto, irmão de D. Fernando e herdeiro dos senhorios húngaros, por renúncia de D. Fernando, foi com D. Januária de Bragança, irmã de D. Maria II, logo em 1837. A proposta foi feita pelo ministro do Brasil em Londres à duquesa de Kent. Esta considerou-a muito aliciante e fê-la seguir para os restantes membros da família. Salientava os benefícios que traria para os Braganças brasileiros, mas referia-se ao casamento como “ligação brilhante para a Casa de Saxe-Coburgo”, que tinha a vantagem de proporcionar a Augusto o

¹³ Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, Arquivo da Casa Real (doravante ANTT, ACR), cx. 7461, cap. 966, carta de Ernesto I a D. Fernando, Coburgo, 31.10.1837.

¹⁴ StACo, KA, 190, carta de Ernesto I ao irmão Fernando, Bruxelas, 5.2.1840. Ver também carta de Alberto Coburgo à rainha Vitória, Bruxelas, 4.2.1840 pub. in Saxe-Cobourg-Gotha, *Letters of the Prince Consort 1831-1861*, Nova Iorque, E. P. Dutton & C^a, 1938, p. 59.

¹⁵ Cf. *The Letters of Queen Victoria*, I, Londres, John Murray, 1907, p. 269, carta da rainha Vitória para Alberto, seu noivo, Londres, 31.1.1840.

¹⁶ Cf. StACo LA, A, 6130, carta do rei D. Fernando ao duque Ernesto I, Lisboa, 29.2.1840.

parentesco com a família imperial austríaca¹⁷. De facto, se Augusto fosse reconhecido como parente pelo seu imperador – o que não era seguro, dadas as relações pouco amistosas de Metternich com os Coburgos – a nada de melhor podia aspirar. Acrescia que Januária estava bem dotada e tinha direito de sucessão ao trono do Brasil, como frisava a duquesa, em caso de morte do pequeno imperador seu irmão, Pedro II. O tio Ernesto e o pai do interessado trataram de envolver o rei de Portugal, pedindo-lhe opinião e informações, pois estava em posição privilegiada para o fazer¹⁸. Ignoro a resposta de D. Fernando.

O rei Leopoldo considerava que para Augusto seria vantajoso unir-se a uma arquiduquesa austríaca, pelo facto de o integrar diretamente na família imperial. Fez algumas diligências em vão porque, mais uma vez, o pai do noivo não manifestava qualquer empenho no assunto. Mas os irmãos não lhe davam tréguas. Se o duque não se preocupava com o facto de Augusto se poder apaixonar e querer casar com alguma aristocrata de baixo estatuto, eles não deixariam que tal acontecesse. Leopoldo continuou a tentar encontrar uma arquiduquesa. Em 1841 ressurgiu a hipótese de Clementina de Orleães que, até então, não conseguira casar. Terá sido a própria princesa a decidir e não lhe foi difícil desencadear o processo. Bastou-lhe pedir à cunhada Vitória, duquesa de Nemours, e à amiga Maria, rainha de Portugal, respetivamente irmã e cunhada de Augusto, que sondassem a família de Viena. O duque Fernando consultou o irmão Leopoldo, mas este não se entusiasmou porque considerava, e com razão, que essa aliança poderia trazer dissabores a Augusto, pois descontentaria os Habsburgos. Ao pai de Clementina também não agradava a perspectiva, tanto mais que nessa mesma altura se travava uma surda e violenta batalha entre os Orleães e os Coburgos, pretendendo ambas as famílias casar um dos seus com a jovem rainha Isabel II de Espanha.

O duque Ernesto quis conhecer o parecer de D. Fernando, avançando com dois nomes, para esposa de Augusto: Clementina de Orleães e “uma princesa brasileira”. O rei de Portugal responde-lhe em maio de 1842: Clementina tem qualidades e dote que permitem recomendá-la, mas não lhe parece que reúna as características físicas e mentais adequadas ao irmão. D. Fernando parece pois conhecer bem a personalidade

¹⁷ Carta cit. por Defrance, Olivier, *Léopold I^{er} et le clan Cobourg*, Bruxelas, Éditions Racine, 2004, p. 196. Por parte da mãe, D. Januária (e D. Maria II, obviamente) pertenciam à família imperial austríaca. Contudo, esta Casa nunca favoreceu os Braganças seus parentes por perfilharem ideias políticas distintas.

¹⁸ ANTT, ACR, ex. 7461, cap. 966, carta do duque Ernesto I a D. Fernando, Carlsbad, 4.7.1837.

de Clementina, o que só podia ser por revelações de D. Maria. Depois, o rei exprime-se sem rodeios: “Para Augusto, que é, como é sabido, uma natureza um tanto lenta, uma esposa um pouco coquete não é conveniente porque lhe daria tantas preocupações que, por fim, poderiam daí decorrer algumas consequências muito desagradáveis. Quanto à princesa brasileira, posso igualmente dizer francamente que não é adequada a Augusto porque provavelmente teria dificuldades no modo de vida europeu e (o que é, de facto, a principal ameaça) é demasiado pobre para ser um bom partido”¹⁹.

Já em 1839 a rainha Vitória opinara em sentido semelhante. Esperava que tivessem “desistido da ideia do partido brasileiro para o pobre Augusto, que está perfeitamente satisfeito como está, com as suas magníficas possessões na Hungria, [...] de longe preferíveis ao império brasileiro”, até porque o primo não tinha um “caráter empreendedor”²⁰. Mas o casamento brasileiro de Augusto continuava a ser considerado em 1842 pelo tio Ernesto. Não pelos seus irmãos. O rei Leopoldo insistia numa Habsburgo, mas sabia que a situação financeira da noiva era determinante e os Orleães davam à filha um dote de cerca de um milhão de francos. Por isso previu que o irmão Fernando acabaria por a escolher²¹.

Passaram-se meses e nada se sabia ao certo. Em setembro, a rainha Vitória sente-se magoada porque ninguém a esclarece e pede ao tio Leopoldo que lhe diga a verdade sobre o casamento do primo com Clementina, garantindo-lhe que por parte dela em nada se oporá²². Em novembro diz-lhe que espera que já não seja segredo, agora que está decidido; ele que lhe perdoe, mas é mania da família ter estes *secrets de la comédie* que a forcem a mentir sobre o que é verdade²³. Augusto e Clementina casaram-se meses depois, em abril de 1843. A seguir viajaram para Lisboa, onde D. Fernando se declarara já muito satisfeito com a união²⁴.

Os planos feitos pelos Coburgos para o irmão mais novo de D. Fernando foram muito mais ambiciosos. Leopoldo tinha apenas 16 anos em 1839, mas desde essa altura e até 1846, a família fez o que pôde para o casar com Isabel de Bourbon, a

¹⁹ StACo LA, A, 6130, carta do rei D. Fernando ao duque Ernesto I, Lisboa, 2.5.1842.

²⁰ RAW, *Queen Victoria's Journals*, 16.9.1839.

²¹ Carta de Leopoldo I à esposa, 18.3.1842 cit. por Defrance, Olivier, *Léopold I^{er} ...*, p. 198.

²² *The Letters of Queen Victoria*, I, cit., p. 540, carta de Windsor, 20.9.1842.

²³ *The Letters of Queen Victoria*, I, cit., p. 550, carta de Windsor, 1.11.1842.

²⁴ StACo LA, A, 6130, cartas do rei D. Fernando ao duque Ernesto I, Lisboa, 2.1.1843 e 6.2.1843.

menina que era rainha de Espanha²⁵. Não o conseguiram devido à oposição feroz de Luís Filipe de Orleães e do seu ministro Guizot, que temiam que a França perdesse influência em Espanha a favor da Inglaterra. O rei dos Franceses teve também de ceder, desistindo de casar o seu filho mais novo, António, duque de Montpensier, com a rainha espanhola, mas tudo fez para que o filho chegasse ao trono de Madrid: contra a vontade da rainha Cristina, mãe de Isabel, que insistia em Leopoldo de Saxe-Coburgo e o propôs formalmente por duas vezes em cartas dirigidas aos duques Fernando e Ernesto II, Luís Filipe de Orleães impôs como príncipe consorte de Espanha um Bourbon deste país que se supunha ser incapaz de assegurar descendência. Depois, violando o acordado com a Inglaterra, fez casar no mesmo dia (18 de outubro de 1846) o filho António com a infanta Luísa Fernanda, irmã da rainha, no que ficou conhecido como “os casamentos espanhóis”. O que interessa aqui frisar é que o casamento de Leopoldo com a rainha de Espanha foi assunto que ocupou toda a família durante anos. Leopoldo não casou com a rainha de Espanha nem com ninguém encontrado pelo tio homónimo, que não desistiu de o estabelecer dignamente. Uma das suas escolhas foi a princesa Maria Amélia de Bragança, a meia-irmã de D. Maria II que vivia em Lisboa. Os contactos foram feitos, mas Amélia apaixonara-se e a mãe aprovara o noivo, que era Maximiliano de Habsburgo, irmão do imperador Francisco José. Leopoldo de Saxe-Coburgo-Koháry casou a seu gosto, só em 1861, com uma mulher considerada de condição inferior, o que muito escandalizou os parentes.

Novas visitas e dramas familiares

Na primavera de 1843, o duque Fernando visitou de novo o filho em Portugal. Acompanharam-no os filhos Leopoldo e Augusto e a nora Clementina. Uma vez mais, a esposa não veio. D. Maria e Clementina, agora cunhadas, viam-se pela primeira vez desde a sua meninice. D. Fernando gostaria que tivesse vindo também o tio Ernesto, mas o duque de Coburgo não se deslocou a Portugal²⁶. Depois de passarem perto de um mês em Lisboa, instalaram-se todos em Sintra, a 19 de junho, mas a chuva tornou a estada menos agradável do que se esperava. De seguida, como sempre, foram até Mafra, onde se organizou uma caçada. D. Fernando sentiu-se

²⁵ Antes disso, enquanto o rei dos Belgas não teve descendência, Leopoldo Coburgo-Koháry fora reconhecido seu herdeiro no trono.

²⁶ StACo LA, A, 6130, carta do rei D. Fernando ao duque Ernesto I, Lisboa, 22.5.1843.

radiante ao ver o pai encantado com a sua adorada Pena, ao proporcionar a caça ao irmão e ao concluir que as crianças se entendiam bem com o avô²⁷. Os infantes eram então Pedro, Luís e João, com 5, 4 e 1 anos. O duque Fernando e filhos deixaram Portugal em julho e passaram uns dias em Londres. A prima Vitória apressou-se a enviar boas notícias de todos para Lisboa²⁸.

Em outubro de 1847 foi Adelaide, a rainha-viúva de Inglaterra, que veio a Portugal. Personagem ilustre, a sua visita foi rodeada de cuidados protocolares, tendo ido o rei e os membros do governo cumprimentá-la a bordo do navio²⁹. Vinha, na companhia de uma irmã e sobrinha, com destino à Madeira. Em carta à rainha Vitória, sua sobrinha por afinidade, Adelaide de Saxe-Meiningen descreve-lhe uma segunda visita de D. Fernando, acompanhado pelo dois filhos mais velhos. Depois, quando Adelaide visitou a rainha de Portugal no paço das Necessidades, foi recebida com toda a pompa. Num dos dias seguintes, depois de terem estado com a infanta D. Isabel Maria no seu palácio de Benfica, as duas rainhas e o rei regressaram às Necessidades onde passearam no “belo jardim”. Aí encontraram todas as crianças. Adelaide espantou-se ao ver as infantas de cabeça descoberta e com o pescoço e braços nus sem que estivessem queimados pelo sol. Como seria de esperar, D. Fernando levou a visitante a Sintra³⁰.

Em fevereiro de 1848 rebentou a revolução em Paris. Foi proclamada a República e os Orleães tiveram de debandar disfarçados. Desamparada pelo marido, que tentou controlar a situação política e permitir a fuga dos pais, a irmã de D. Fernando alcançou a costa inglesa pelos seus meios e aí se refugiou com os filhos. Ao contrário dos sogros e cunhados, era parente chegada da rainha de Inglaterra e a República Francesa nada poderia opor a que fosse acolhida na corte de Londres.

Dois outros filhos do rei Luís Filipe, o príncipe de Joinville e o duque de Aumale, encontravam-se então em Argel com as esposas. Recorde-se que a mulher de Joinville era Francisca de Bragança. D. Maria II enviou de imediato um vapor de guerra recolher a irmã, cunhado e seus familiares, mas houve um desencontro. Os príncipes franceses que tinham encontrado transporte, desembarcaram em Lisboa

²⁷ StACo LA, A, 6130, carta do rei D. Fernando ao duque Ernesto I, Sintra, 26.6.1843.

²⁸ ANTT, ACR, cx. 7324, cap. 200, carta da rainha Vitória ao rei D. Fernando, 22.7.1843.

²⁹ Viana, António, *Documentos para a história contemporânea. José da Silva Carvalho e o seu tempo*, II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894, p. 473.

³⁰ Carta da rainha Adelaide à rainha Vitória, Lisboa, 24.10.1847 in Leitão, Ruben Andresen, *Novos Documentos dos Arquivos de Windsor*, Coimbra, s.n., 1958, pp. 57-59.

“indo surpreender os seus augustos parentes no palácio das Necessidades, onde eu casualmente me achava”, recorda o marquês de Fronteira. “Presenciei então uma das cenas mais tocantes a que tenho assistido. Vi entrar no real paço os filhos e netos dum dos soberanos mais poderosos do mundo, errantes, sem as menores notícias de seus augustos pais, sem pátria nem fortuna, procurando um asilo no paço dum real parente que, poucos anos antes, sofrera a mesma sorte, indo bater à porta do palácio ducal do *Palais-Royal*, onde achara a mesma hospitalidade que dava agora aos seus ilustres parentes”³¹.

Os antigos reis dos Franceses, depois de escondidos, haviam chegado a Inglaterra, o que pouco agradou a Vitória e a Alberto pois, desde a questão dos casamentos espanhóis, tinham com eles relações frias. O rei Leopoldo dos Belgas continuava a ser proprietário da mansão de Claremont, que lhe ficara do tempo em que fora casado com Carlota, princesa herdeira de Inglaterra. Foi aí que os Orleães, seus sogros, se refugiaram. A solução era conveniente para a rainha Vitória e os seus ministros. Tratava-se de ajuda prestada por um genro, não era o governo nem a Coroa britânicos que se envolviam numa situação que poderia tornar-se melindrosa nas relações dos dois países. Vitória Coburgo, duquesa de Nemours, instalou-se também em Claremont com os restantes Orleães, mas, contrariamente a estes, era recebida na Corte de Inglaterra como prima que era da rainha e do seu marido. Contudo, Vitória pouco frequentava Buckingham ou Windsor, vivendo com a família Orleães. Em 1850 refere-se a Claremont como a sua prisão. E diz a D. Fernando que dificilmente reconheceria a rapariga alegre que vira pela última vez há 11 anos³².

Nesta situação confusa e dolorosa, as cartas vindas de Inglaterra afluem ao paço das Necessidades. Luís Filipe de Orleães agradece o acolhimento feito aos filhos³³. A duquesa de Kent, que recebera carta de Alexandre Mensdorff, diz a Fernando que “as notícias da Alemanha continuam a ser muito perturbadoras. A situação na França é terrível”, mas “a Bélgica, graças a Deus, está por enquanto sossegada”. Parte-se-lhe o coração ao ver a situação da sobrinha Vitória, mas ela é

³¹ Barreto, José Trazimundo Mascarenhas, *Memórias do marquês de Fronteira e d'Alorna*, vol. VII-VIII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986, pp. 296-297.

³² ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, carta de Vitória ao irmão D. Fernando, Richmond, 5.3.1850.

³³ ANTT, ACR, cx. 7324, cap. 194, carta de Luís Filipe de Orleães a D. Fernando, Claremont, 3.4.1848.

corajosa³⁴. Também D. Maria II admira a resignação da cunhada³⁵. O príncipe Alberto sente-se muito impressionado, referindo-se à tormenta que desmorona as monarquias umas atrás das outras, tentando algumas salvar-se tornando-se democráticas mas sempre demasiado tarde. E informa o primo que “Clementina e Vitória estão arruinadas, a Hungria está perigosa para os grandes proprietários e se acontecer alguma coisa penso que afetará o teu pobre pai”³⁶. Os reis de Portugal, que já no mês anterior haviam sido alertados por Dietz para esse perigo³⁷, acreditam também que a fortuna da família austríaca desapareceria. “Cada dia lamento mais a pobre família de França e a nossa tão querida Vicky porque a pobre está numa terrível posição, pois de certeza que o meu querido sogro perderá muito”, afirma D. Maria. Quanto à sua irmã Francisca, está “muito atormentada com o futuro dos filhos”³⁸. Em julho, os pais de D. Fernando estavam instalados em Walterskirchen³⁹, mas a situação na Hungria tinha acalmado⁴⁰, o que não impediu uma guerra no ano seguinte.

Em finais de 1849 Ernesto Leiningen, filho de Carlos, visitou a corte portuguesa⁴¹. Depois, foi a vez de Francisca de Bragança e o seu marido Joinville. Chica tinha dado à luz um filho que morreu e ela própria corra perigo. D. Maria e D. Fernando convidaram-na a passar uma temporada com eles para recuperar, pois o clima de Inglaterra afetava-a muito e a irmã considerava que precisava do nosso sol e do nosso calor vivificante⁴², comparando-a a “uma pobre planta tropical a que falta o sol”⁴³. Como Chica casara na família Orleães, era necessária autorização do seu

³⁴ ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, carta da duquesa de Kent ao sobrinho D. Fernando, Londres, 6.4.1848.

³⁵ Carta da rainha D. Maria II à rainha Vitória, Lisboa, 19.4.1848 in Leitão, Ruben, *Novos Documentos...*, cit., p. 143.

³⁶ ANTT, ACR, cx. 7433, cap. 914-A, carta do príncipe Alberto ao rei D. Fernando, Londres, 7.4.1848.

³⁷ ANTT, ACR, cx. 7461, cap. 966, carta de Carl Dietz a D. Fernando, Viena, 18.3.1848. Dietz foi professor de D. Fernando, veio com ele para Portugal em 1836, mas teve de abandonar o nosso país em 1847, por ser considerado politicamente perigoso. Regressou a Viena, onde serviu a família Coburgo-Koháry, mantendo correspondência com antigo pupilo.

³⁸ Carta da rainha D. Maria à rainha Vitória, Lisboa, 28.5.1848 in Leitão, Ruben, *Novos Documentos...*, cit., p. 144.

³⁹ ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, carta da duquesa de Kent ao rei D. Fernando, Londres, 6.7.1848.

⁴⁰ Carta de D. Maria II à rainha Vitória, Lisboa, 18.7.1848 in Leitão, Ruben, *Novos Documentos...*, cit., p. 157.

⁴¹ ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, carta da duquesa de Kent ao rei D. Fernando, Tunbridge Wells, 25.9.1849.

⁴² Carta de D. Maria II à rainha Vitória, Lisboa, 18.11.1849 in Leitão, Ruben, *Novos Documentos...*, cit., pp. 164-165.

⁴³ Carta de D. Maria II à rainha Vitória, Lisboa, 28.11.1849 in Leitão, Ruben, *Novos Documentos...*, cit., pp. 165-166.

chefe, o ex-rei dos Franceses, que agradece o convite mas, antes de tomar qualquer decisão, afirma, tem de pensar nas circunstâncias, pois há que saber a opinião dos médicos e quem irá suportar os custos da viagem⁴⁴.

A duquesa de Kent continuava a enviar para Lisboa notícias de toda a família. Assim, em fevereiro de 1850, depois de agradecer o bom acolhimento ao neto Ernesto, diz ao sobrinho que recebera cartas da mãe dele e de Alexandre, enviando-lhe a deste com pedido de devolução. Conta ainda que o filho Carlos estivera em Viena com os tios, pais do rei, e o tio Mensdorff; que está tudo bem com Vitória, Alberto e os filhos; e que espera que os príncipes de Joinville estejam já em Lisboa⁴⁵. Estes chegaram em início desse mês. D. Fernando levou-os até Sintra e “foi com lágrimas nos olhos” que se separou deles. “Joinville é um verdadeiro amigo para mim”, “Chica, embora por vezes um tanto excêntrica, é um ser encantador que me cativa muito; é sempre muito afável e simpática para mim. Encantaram-se ambos com Lisboa e com o nosso desenvolto estilo de vida”⁴⁶.

Logo depois chegou Maximiliano Beauharnais, irmão da duquesa de Bragança. Estivera na Madeira a beneficiar do seu clima. Já em abril, a irmã, então em Munique, pedira a D. Fernando que o recebesse, mostrando-lhe Sintra, Mafra ou o jardim das Necessidades⁴⁷. D. Fernando refere-o nas suas cartas “Agora temos cá o conde de Leuchtenberg com muitos russos. O príncipe parece-me amável, mas tem algo do desassossego da sua irmã e da sua excessiva pontualidade. [...] mostrou prazer em ver os cavalos e elogiou a nossa cavalaria”⁴⁸. Na verdade, ele era cunhado de D. Maria por ser irmão do seu 1º marido, mas só a duquesa de Bragança tinha isso em conta. No ano seguinte, quando faleceu a matriarca Beauharnais, a duquesa acusa a enteada de se ter esquecido do parentesco: “Ah! A minha dor ainda aumentou mais pelo desgosto de ver Maria esquecer completamente que a minha boa mãe era também a do seu primeiro marido e de só fazer o luto devido a uma princesa estrangeira!”⁴⁹.

⁴⁴ ANTT, ACR, cx. 7324, cap. 194, carta de Luís Filipe de Orleães a D. Fernando, Claremont, 29.11.1849.

⁴⁵ ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, carta da duquesa de Kent a D. Fernando, Frogmore, 6.2.1850.

⁴⁶ LC, ms. 477, carta de D. Fernando ao irmão Augusto, Lisboa, 28.5.1850.

⁴⁷ ANTT, ACR, cx. 7324, cap. 185, carta da duquesa de Bragança a D. Fernando, Munique, 17.4.1850.

⁴⁸ LC, ms. 477, carta de D. Fernando a Augusto, Lisboa, 28.5.1850.

⁴⁹ Carta da duquesa de Bragança a D. Pedro II do Brasil in BRAGANÇA, 2009, p. 41.

Ainda nesse ano de 1850, em outubro, uma comoção maior atingiu os Coburgos e os Orleães com a morte da jovem rainha dos Belgas, Luísa. Leopoldo, muito mais velho do que a esposa, enviuvava pela segunda vez. Como era da praxe, mesmo que o não sentissem, as manifestações de grande dor percorriam o continente nas cartas trocadas entre todos. D. Fernando era seu sobrinho por afinidade, mas os seus irmãos Augusto e Vitória eram também cunhados. Assim, o rei de Portugal em carta ao irmão afirma-se mergulhado numa dor que nunca experimentara porque amava e venerava essa mulher “angélica, boa e excelente em todos os aspetos”. Nessa altura, Augusto e família encontravam-se em Sevilha, em casa dos duques de Montpensier, seus cunhados. Estava planeado que de Espanha viriam para Portugal. D. Fernando diz-lhe que continuam a contar com eles, que serão sempre bem-vindos, só pede – e o irmão compreenderá a franqueza, acrescenta – que não venham em janeiro pois nessa altura nascerá outro filho e como ele sabe “por experiência, enquanto pai de família, não são situações em que as visitas sejam agradáveis”⁵⁰.

A 3 de fevereiro de 1851, nasceu morta a infanta Maria. Um mês depois estava tudo ultrapassado e D. Fernando aguardava ansioso a vinda do irmão que este lhe anunciou só para maio⁵¹. Entretanto, em abril e maio, dá-se o golpe da Regeneração cuja guerra representou para D. Fernando um dos momentos mais penosos da sua vida pública. A chegada de Augusto, Clementina e filhos em finais de maio foi, com certeza, um bálsamo, mas durante esta visita chegaram notícias preocupantes sobre o estado de saúde do pai e da avó de D. Fernando. Augusto e família foram para Inglaterra, donde seguiram para a Áustria a 3 de julho⁵². A irmã Vitória encontrava-se em Viena e aí ficara aguardando Augusto⁵³. Leopoldo também não se atrevia a regressar ao seu regimento sem a chegada do irmão, mas nessa altura, e para surpresa de todos, a avó recuperava do ataque que lhe paralisara o braço direito e o pai já era levado ao jardim⁵⁴.

Foi com mágoa que D. Fernando se separou de Augusto. “Ainda não me consegui habituar à nossa separação e vejo agora o amor infinito que te tenho. Sê

⁵⁰ LC, ms. 477. Carta de D. Fernando ao irmão Augusto, Lisboa, 29.10.1850.

⁵¹ LC, ms. 477, carta de D. Fernando ao irmão Augusto, Lisboa, 3.3.1851; ANTT, ACR, cx. 7430, cap. 910-A, carta de Augusto a D. Fernando, Sevilha, 22.3.1851.

⁵² ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, carta da duquesa de Kent a D. Fernando, Londres, 6.7.1851.

⁵³ ANTT, ACR, cx. 7324, cap. 200, carta da rainha Vitória a D. Fernando, Londres, 26.6.1851.

⁵⁴ ANTT, ACR, cx. 7461, cap. 966, carta de Dietz a D. Fernando, Viena, 21.6.1851.

também tu sempre bom, pois neste mundo posto do avesso e pouco agradável, o amor e a amizade fraternais, que são fieis e sólidos, é o que há de mais belo e verdadeiro. Por isso a nossa relação se fortalece cada vez mais e mais!”, diz-lhe a 8 de julho, mal se instalara em Sintra. Nessa altura, soubera que o pai e a avó recuperavam. A tia Vitória também já conhecia as boas novas, que lhe comunica⁵⁵, embora fosse desnecessário porque Dietz o mantinha regularmente informado. Este, além das notícias de recuperação, realçava sempre o profundo amor que a avó de D. Fernando lhe dedicava. Em finais de julho estava menos otimista em relação à saúde do duque⁵⁶. De facto, a recuperação de Fernando Jorge Coburgo fora ilusória. Sofrera uma apoplexia que o incapacitava física e mentalmente e Augusto ficou chocado quando o viu: letárgico, calado e indiferente à chegada do filho, a quem não demonstrou “o mais leve sinal de amor”. Depois melhorou um pouco, mas recusava-se a passar-lhe uma procuração para gerir os bens da Casa. “Sinto-me tão triste, só e abandonado aqui”, desabafa Augusto, e decide sair de Viena, onde em nada podia ser útil⁵⁷.

Sem autorização para dirigir a Casa, Augusto estava numa posição difícil. O príncipe Alberto, atuando como verdadeiro chefe dos Coburgos, embora o não fosse, alerta D. Fernando e sugere-lhe que aconselhe o irmão⁵⁸, o que o rei não deve ter apreciado. A tia Vitória também se inquieta: não entende como é que Augusto pode abandonar Viena para se instalar em Coburgo, não obstante reconhecer que a sua situação é difícil. “A tua pobre mãe, é claro, nada pode fazer”⁵⁹. Fernando Jorge Coburgo faleceu a 27 de agosto de 1851, o que D. Fernando soube a 3 de setembro. Ressentiu-se por não estar junto da família e não haver participado das últimas honras prestadas ao pai. “A minha dor aumenta com o isolamento”, diz a Ernesto. “É como se já não pertencesse à família, e, contudo, ninguém mais do que eu lhe está ligado e procura ser digno dela”⁶⁰. Para o irmão, afirma que com esta perda sente

⁵⁵ ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, carta da duquesa de Kent a D. Fernando, Londres, 6.7.1851.

⁵⁶ ANTT, ACR, cx. 7461, cap. 966, cartas de Dietz a D. Fernando, Viena, 10, 21, 31.7.1851.

⁵⁷ ANTT, ACR, cx., 7432, cap. 913-A, carta de Augusto a D. Fernando, Viena, 15/17.7.1851.

⁵⁸ ANTT, ACR, cx. 7433, cap. 914-A, carta do príncipe Alberto a D. Fernando, Osborne, 25.7.1851.

⁵⁹ ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, carta da duquesa de Kent a D. Fernando, Londres, 25.7.1851.

⁶⁰ StACO, LA, A, 6980, carta de D. Fernando ao primo Ernesto, Lisboa, 19.9.1851.

necessidade de conversar com ele intimamente, como faziam em Lisboa, o que agora só podia ser por carta⁶¹.

Mas o irmão mais novo, Leopoldo, esteve em Portugal em inícios de 1852. Nesta altura preocupava a família porque estaria entusiasmado com uma filha da família Jersey, meros condes ingleses. A rainha Vitória apressa-se a avisar os parentes e D. Maria II concorda com a prima: seria uma ligação muito inconveniente para o jovem e para toda a família⁶². D. Fernando vê partir o irmão com desgosto e acredita que se estivesse mais tempo com ele conseguiria “convertê-lo em muitos aspetos”⁶³. Vitória de Inglaterra continua vigilante. Recebe o primo na viagem de regresso e informa Fernando que o mantém com eles em Windsor por não haver qualquer perigo em relação à jovem senhora, não só porque Leopoldo percebeu que seria um disparate e uma loucura, mas também porque não lhe possibilitam nenhuma oportunidade de a ver. Mas anda bem disposto, prossegue a rainha inglesa, e agradou-lhe muito a prima dela, Maria de Cambridge, que é excelente e um bom partido, se não houver dificuldades a ultrapassar na questão da religião⁶⁴.

Chegado a Viena, Leopoldo continua sob observação. É agora Dietz que envia as informações para Lisboa: o príncipe mantém-se caprichoso, pouco se importando com a opinião dos outros, mas felizmente e graças à rainha de Inglaterra, já não pensa a sério em tão absurdo casamento, limitando-se a brincar com o assunto⁶⁵. Contudo, em agosto, D. Fernando ouviu notícias do irmão mais novo que o perturbaram e escreve de imediato a Augusto. Ele que o informe sobre o que *Leo* anda a fazer, porque se falava de um casamento que era uma loucura e corriam boatos de que ia mudar de religião. D. Fernando explode em húngaro: “pelo amor de Deus!”. E, prosseguindo em alemão, qualifica de desprezível o homem que deixa a religião em que foi criado. Ignoro se se tratava de Maria de Cambridge, mas é possível, porque D. Fernando, que não crê que Leopoldo cometa tal ação, vê em tudo isso “o dedo de Alberto, que é frio e mineral”⁶⁶. Mais uma farpa, e grande, ao primo que tanto o impacientava. Augusto sossega-o, assegurando-lhe que Leopoldo

⁶¹ LC, ms. 477, carta de D. Fernando ao irmão Augusto, Lisboa, 27.10.1851.

⁶² Carta de D. Maria II à rainha Vitória, Lisboa, 9.2.1852 in Leitão, Ruben, *Novos Documentos...*, cit., p. 290.

⁶³ LC, ms. 477, carta de D. Fernando ao irmão Augusto, Lisboa, 8.4.1852. D. Fernando datou-a, por lapso, de 8 de março.

⁶⁴ ANTT, ACR, cx. 7324, cap. 200, carta da rainha Vitória a D. Fernando, Windsor, 16.4.1852.

⁶⁵ ANTT, ACR, cx. 7461, cap. 966, carta de Dietz a D. Fernando, Viena, 11.4.1852.

⁶⁶ LC, ms. 477, carta de D. Fernando ao irmão Augusto, Lisboa, 7.8.1852.

já não pensa nisso, porque compreendera que seria infeliz num casamento que o levaria a abandonar a religião dele e dos seus. Contudo, continua completamente ocioso e só Deus sabe o que será dele⁶⁷.

Em fevereiro do ano seguinte, numa visita rápida, Augusto esteve de novo em Portugal, e como fizera antes, saiu daqui para Inglaterra. Ao chegar, recebeu a notícia de que a avó tivera dois ataques sucessivos, possivelmente acidentes vasculares cerebrais. Augusto lamentou menos a avó do que o aborrecimento de ter de deixar a Inglaterra, caso recebesse notícias do agravamento da situação⁶⁸. Dias depois, é a irmã que escreve a D. Fernando. Fala-lhe do interesse e impaciência com que interrogara Augusto sobre Fernando e toda a família e da esperança de o rever neste mundo – o que nunca aconteceu. Depois, envia notícias da avó, cujo estado é menos preocupante, e da mãe, agora mais animada e feliz. Quanto a Leopoldo, encontra-se bem em Liubliana⁶⁹. Mas a tia Vitória desaprovava a inércia de Augusto, considerando ser sua obrigação ir para Viena, apesar de saber pelo seu filho Carlos Leiningen que a idosa princesa de Koháry estava a recuperar muito bem⁷⁰. Uma semana depois é mais incisiva: “Lamento dizer-te que ele [Augusto] continua em Claremont! Carlos escreveu-me e é mais do que altura de Augusto regressar. Eu disse-lhe e Vitória está a pressioná-lo, mas sem resultados”⁷¹. Augusto partiu, por fim, a 1 de abril. Agora a tia Vitória estava satisfeita com Augusto. Nunca o vira tão decidido⁷². A idosa princesa de Koháry resistiu, mostrando-se sempre muito interessada em tudo o que dizia respeito aos seus netos e bisnetos portugueses, ao contrário da filha, mãe de D. Fernando. É, pelo menos esse, o quadro que continua a revelar-se nas cartas de Dietz.

Em 1852 o arquiduque Maximiliano de Habsburgo esteve em Portugal, visita que D. Fernando muito apreciou porque lhe deu oportunidade de receber o irmão do imperador austríaco com todas as honras e de o deslumbrar com as belezas de Sintra e o seu adorado palácio da Pena. Fez questão de acentuar a sua simpatia de anfitrião,

⁶⁷ ACR, cx. 7432, cap. 913-A, carta de Augusto a D. Fernando, Antal, 28.8.1852.

⁶⁸ ANTT, ACR, cx. 7430, cap. 910-A, carta de Augusto a D. Fernando, Claremont, 15.3.1853.

⁶⁹ ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, carta de Vitória ao irmão D. Fernando, Claremont, 23.3.1853.

⁷⁰ ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, carta da duquesa de Kent a D. Fernando, Londres, 16.3.1863.

⁷¹ ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, carta da duquesa de Kent a D. Fernando, Frogmore, 26.3.1853.

⁷² ANTT, ACR, cx. 7435, cap. 916-A, cartas da duquesa de Kent a D. Fernando, Londres, 6.4.1853 e 16.4.1853.

que já era proverbial, como uma bofetada de luva branca aos Habsburgos, que nunca haviam sido agradáveis com a sua família⁷³. O arquiduque conheceu então a cunhada de D. Fernando, Maria Amélia de Bragança, e enamorou-se. Foi correspondido, a mãe da visada aprovou plenamente e o casamento ficou acertado, mas mantido em sigilo, pois eram necessárias as autorizações dos respetivos chefes de família: os imperadores Francisco José da Áustria e Pedro II do Brasil. Contudo, logo a seguir, manifestou-se a tuberculose da princesa e a mãe partiu com ela para a Madeira. Maria Amélia morreu no Funchal a 4 de fevereiro de 1853, com 21 anos de idade. Nesse mesmo dia a mãe escreveu a D. Fernando, dizendo-lhe que a princesa falecera pelas 4h30m, após ter sofrido toda a noite e que às 2h30 da noite se confessara e recebera a extrema-unção⁷⁴. A notícia só chegou a Lisboa no dia 12. A 11 de maio, a duquesa chegou finalmente a Lisboa com o corpo da filha e no dia seguinte realizou-se o funeral em S. Vicente de Fora. Como já tive oportunidade de explicar, nessa época os parentes mais próximos não participavam nos funerais⁷⁵. Por isso a mãe, irmã e sobrinhos da defunta permaneceram no palácio das Janelas Verdes, residência da duquesa, enquanto o cortejo seguia para S. Vicente. Nessa altura D. Maria II estava de novo grávida. Seria fatal. Em novembro, o seu cadáver juntou-se ao da irmã mais nova.

Morte da rainha

A 15 de novembro de 1853, a rainha de Portugal, com 34 anos, faleceu de parto (o 11º). Os costumes da época impunham que os familiares diretos dos defuntos, incluindo as crianças, se encerrassem oito dias nos seus quartos, donde não podiam sair. D. Fernando e os infantes cumpriram o preceito⁷⁶. Foi aí, nos seus aposentos que, no próprio dia da tragédia, o rei começou a escrever um texto que é um misto de diário e memórias⁷⁷. Foi a sua catarse, assim como as missivas que a etiqueta familiar e dinástica o obrigavam a redigir. As primeiras cartas, remetidas ao irmão Augusto e possivelmente à mãe, avó e irmã, datam logo do dia 15, vencendo as

⁷³ Cf. LC, ms. 477, carta de D. Fernando ao irmão Augusto, Lisboa, 18.6.1852 e 28.6.1852.

⁷⁴ ANTT, ACR, cx. 7324, cap. 185, carta da duquesa de Bragança a D. Fernando, [Funchal], 4.2.1853.

⁷⁵ Lopes, Maria Antónia, *Rainhas que o Povo amou. Estefânia de Hohenzollern e Maria Pia de Saboia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011 (ou Lisboa, Temas e Debates, 2013), pp. 186-187.

⁷⁶ BASTOS, Francisco António Martins, *Memorias para a historia de el-rey fidelissimo o Senhor Dom Pedro V e de seus augustos irmãos*, Lisboa, Typ. Universal, 1863, p. 81.

⁷⁷ Publicado em tradução portuguesa do original em francês in Lopes, Maria Antónia, *D. Fernando II*, cit., pp. 393-399.

distâncias o melhor que podiam. No dia seguinte escreveu ao primo Ernesto a quem se dirigiu na qualidade de “chefe da nossa casa” e “velho e fiel amigo”, pedindo-lhe que o lamentasse e chorasse com ele. E conta-lhe uma coincidência dolorosa: “Para minha consternação e acréscimo da dor, chegaram aqui hoje os Joinvilles que só então souberam da tragédia. A cena, podes imaginá-la”⁷⁸. Eram a irmã e cunhado de D. Maria que vinham de Cádiz para Lisboa a fim de passarem algumas semanas com a família.

Só às 22h30m do dia 19, já o corpo de D. Maria repousava em S. Vicente, é que Lavradio, o nosso representante diplomático em Londres, soube da morte da rainha por telegrama remetido de Paris. Foi ele que fez chegar a notícia à família real britânica⁷⁹. No dia 26, regista no seu diário: “A rainha [Vitória] tem dado as maiores provas do seu sentimento: não só mandou cessar todos os festejos na Corte, mas até ordenou que as músicas das Guardas não tocassem até segunda ordem e determinou que a Corte se vestisse de luto durante oito semanas, facto extraordinário nesta Corte, onde os lutos não podem ser muito longos, em atenção aos interesses da indústria e do comércio”⁸⁰.

Vitória escreve ao primo a 6 de dezembro, tendo já recebido carta dele, que ela agradece por a ter redigido quando vive uma tão grande dor e tem o tempo tão ocupado. Diz-lhe que pensa e reza por ele todos os dias e que espera, sempre ansiosa, a chegada de notícias pelo barco de Lisboa. Pede-lhe também que faça o possível para que o seu primogénito possa viajar antes de iniciar o seu reinado de facto, e que não precisa de lhe dizer o prazer que terão em recebê-lo⁸¹.

O imperador do Brasil, irmão da rainha, só muito mais tarde ficou ao corrente. Em carta de 2 de dezembro, diz-lhe a madrastra: “Passarás o teu aniversário [esse mesmo dia] alegre e contente, não suspeitando da morte da tua pobre e querida irmã Maria. Esta terrível notícia chegar-te-á pelo Natal e chorarás de novo, neste termo do ano de 1853, como choraste no seu início pela tua irmã Amélia. Com 9 meses de distância as tuas duas irmãs deixaram este mundo e ambas bem jovens!”⁸². Nessa

⁷⁸ StACo, LA, A, 6980, cartas de D. Fernando ao primo Ernesto II, Lisboa, 16.11.1853.

⁷⁹ Portugal, Francisco de Almeida, *Memórias do Conde do Lavradio...*, IV, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1937, pp. 324-325.

⁸⁰ PORTUGAL, *Memórias do Conde do Lavradio*, IV, cit., pp. 326-327.

⁸¹ ANTT, ACR, cx. 7324, cap. 200, carta da rainha Vitória a D. Fernando, Balmoral, 6.12.1853.

⁸² Cit. in Bragança, Carlos Tasso, *A princesa Flor Dona Maria Amélia...*, Funchal, Região Autónoma da Madeira, 2009, p. 91.

altura, já D. Fernando recebera cartas de apoio de toda a sua vasta família europeia e em fevereiro Leopoldo visitou o irmão. No ano imediato, em 1855, foi a vez de Augusto.

Anexo genealógico

I. Casa de Coburgo

Avós de D. Fernando:

Paternos: Francisco Frederico Saxe-Coburgo-Saalfeld (1750-1806), duque soberano, e Augusta Reuss-Ebersdorf (1757-1831).

Maternos: Francisco José Koháry (1767-1826) e Maria Antónia de Waldstein-Wartenberg (1771-1854).

Pais e tios de D. Fernando:

Pais: Fernando Jorge Saxe-Coburgo-Gotha (1785-1851) e Maria Antónia Koháry (1797-1862).

Tios paternos:

1. Sofia Saxe-Coburgo-Saalfeld (1778-1835) casada c/ Emanuel Mensdorff-Pouilly (1777-1852).
2. Antonieta Saxe-Coburgo-Saalfeld (1779-1824) casada c/ Alexandre Württemberg (1771-1833).
3. Juliana Saxe-Coburgo-Saalfeld (1781-1860) casada c/ Constantino Romanov (1779-1831).
4. Ernesto Saxe-Coburgo-Gotha (1784-1844), duque soberano, casado 1º c/ Luísa de Saxe-Gotha-Altenburg (1800-1831) e depois c/ Maria Württemberg (1799-1860) [sua sobrinha, filha de Antonieta].
5. Vitória Saxe-Coburgo-Saalfeld (1786-1861), casada 1º c/ Carlos Leiningen (1763-1814) e depois c/ Eduardo de Hanôver (1767-1820), duque de Kent.
6. Leopoldo Saxe-Coburgo-Gotha (1790-1865), rei dos Belgas, casado 1º c/ Carlota de Inglaterra (1796-1817) e depois c/ Luísa de Orleães (1812-1850).

Tio materno: Francisco Koháry (1792-1795).

Geração de D. Fernando:

Fernando Augusto de Saxe-Coburgo-Gotha-Koháry (1816-1885) casado 1º c/ D. Maria II (1819-1853), rainha de Portugal e depois c/ Elisa Hensler (1836-1929), esposa morganática.

Irmãos:

1. Augusto (1818-1881). Casou c/ Clementina de Orleães (1817-1907).
2. Vitória (1822-1857). Casou c/ Luís de Orleães, duque de Nemours (1814-1896).
3. Leopoldo (1824-1884). Casou c/ Constância Geiger (1835-1890), esposa morganática.

Primos [filhos da tia Sofia]:

1. Hugo Mensdorff (1806-1847).
2. Afonso Mensdorff (1810-1894).
3. Alexandre Mensdorff (1813-1871).
4. Artur Mensdorff (1817-1904).

Primos [filhos da tia Antonieta]:

1. Maria Württemberg (1799-1860). Casou c/ Ernesto Saxe-Coburgo-Gotha [seu tio].
2. Alexandre Württemberg (1804-1881). Casou c/ Maria de Orleães.
3. Ernesto Württemberg (1807-1868).

Primos [filhos do tio Ernesto e Luísa]:

1. Ernesto (1818-1893), duque soberano. Casou c/ Alexandrina de Baden.

2. Alberto (1819-1861), príncipe consorte. Casou c/ Vitória, rainha do Reino Unido [prima, filha de Vitória].

Primos [filhos da tia Vitória, de 2 casamentos]:

1. Carlos Leiningen (1804-1856).
2. Ana Feodora Leiningen (1807-1872).
3. Vitória de Hanôver (1819-1901), rainha da Grã-Bretanha. Casou c/ Alberto de Saxe-Coburgo-Gotha [primo, filho de Ernesto].

Primos [filhos dos tios Leopoldo e Luísa]:

1. Luís Filipe (1833-1834).
2. Leopoldo (1835-1909), 2º rei dos Belgas. Casou c/ Henriqueta de Habsburgo.
3. Filipe (1837-1905). Casou c/ Maria de Hohenzollern-Sigmaringen.
4. Carlota (1840-1927). Casou c/ Maximiliano de Habsburgo, imperador do México.

II. Casa de Bragança

Avós de D. Maria II:

Paternos: João VI de Bragança (1767-1826) e Carlota Joaquina de Bourbon (1775-1830), reis de Portugal.

Maternos: Francisco I de Habsburgo (1768-1835) e Maria Teresa de Bourbon-Sicília (1772-1807), imperadores da Áustria.

Pais e tios paternos de D. Maria II:

Pais: Pedro de Bragança (1798-1834), imperador Pedro I do Brasil (1822-1831), rei Pedro IV de Portugal (1826) e duque de Bragança (1831-1834) e Leopoldina de Habsburgo (1797-1826), imperatriz do Brasil (1822-1826) e rainha de Portugal (1826).

Madrasta: Amélia de Beauharnais (1812-1873), imperatriz do Brasil (1829-1831) e duquesa de Bragança (1831-1873).

Tios paternos:

1. Maria Teresa (1793-1874) casada 1º c/ Pedro de Bourbon e depois c/ Carlos de Bourbon.
2. Maria Isabel (1797-1818) casada c/ Fernando VII de Bourbon, rei de Espanha.
3. Maria Francisca (1800-1834) casada c/ Carlos de Bourbon.
4. Isabel Maria (1801-1876), regente de Portugal (1826-1828).
5. Miguel (1802-1866), rei de Portugal (1828-1834), casado c/ Adelaide Löwenstein.
6. Maria da Assunção (1805-1834).
7. Ana de Jesus (1806-1857), casada c/ o duque de Loulé, marido morganático.

Geração de D. Maria II:

Maria da Glória de Bragança (1819-1853), rainha de Portugal, casada 1º c/ Augusto de Beauharnais (1810-1835) e depois c/ Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha (1816-1885).

Irmãos e meia-irmã:

1. Januária (1822-1901) casada c/ Luís de Bourbon (1824-1897), conde de Áquila.
2. Paula (1823-1833).
3. Francisca (1824-1898) casada c/ Francisco de Orleães (1818-1900), príncipe de Joinville.
4. Pedro (1825-1891), 2º imperador do Brasil, casado c/ Teresa de Bourbon-Sicília (1822-1889).
5. Maria Amélia (1831-1853), noiva de Maximiliano de Habsburgo, futuro imperador do México.